

R Á D I O

Índios com direito à palavra

*Eles estão dando o seu
recado todo domingo de manhã,
pela Rádio USP.*

Leonor Amarante

Quem só conhece o índio brasileiro através de musicinhas alienadas como *Índio Quer Apito* vai ter de apurar os ouvidos antes de sintonizar a Rádio USP, às nove horas, todos os domingos. Num rasgo de vanguardismo, ou melhor, de tomada de consciência, essa emissora abre o primeiro espaço ao indígena brasileiro. O *Programa de Índio*, comandado por Airton Krenake (Airton nome cristão, Krenake o que identifica seu povo), completa um ano estando quase desconhecido do grande público, mas interessante o suficiente para inspirar em outros Estados brasileiros programas semelhantes, ganhar dez minutos na TV Cultura, dentro do *Palavra de Mulher* e até mesmo chegar à Itália, de onde será retransmitido para outras mil emissoras européias. Nada mal para esses povos que, como disse o ex-ministro da Cultura Aluizio Pimenta, "foram os grandes mudos da história".

O corredor aberto que conduz ao estúdio já indica que o astral é alto. Samambaias se harmonizam com plantas exóticas, idéia e paixão de um dos funcionários. Desde o con-

tra-regra ao diretor da Rádio USP, todos estão ligadíssimos no programa, como se morassem nas tribos.

Airton Krenake fala fluente, raciocínio rápido, sem os habituais cacoetes radiofônicos e televisivos, um dos últimos sobreviventes da nação Krenake (entre Espírito Santo e Minas). Vai tocando o programa sem roteiro. Angela Papini, produtora do programa, jornalista, casada com Krenake há sete anos, tentou bolar um esquema, mas não deu certo. "A gente preparava um texto, escolhia os temas do dia, mas na hora os índios falavam o que tinham vontade. Depois de alguns programas decidimos que o melhor é isso mesmo, espontaneidade. Krenake já avisou as aldeias de que, a partir de agora, cada índio pode ser um repórter e que todos os assuntos interessam". "Hoje são dezenas deles, com sotaques diferentes, uma mistura dos 160 dialetos de vários troncos lingüísticos espalhados entre os 200 mil índios brasileiros. Sem editores, hora de fechamento, censura, os índios trabalham como querem. A reportagem pode vir da beira do Alto Solimões, depois de um banho matinal, ou de uma aldeia amazônica invadida por posseiros.

Em um ano o programa já foi transmitido em 15 línguas diferentes, com tradução e com uma audiência diversificada. Krenake exhibe carta de um ouvinte que mal sabe escrever, mas que fez questão de parabenizá-lo. "Temos todo tipo de público, a maioria é da periferia. São donas-de-casa, crianças, estudantes e pesquisadores. Alguns querem sugestão de nomes indígenas para o filho que vai nascer, outros indicação de remédios usados nas aldeias."

Krenake lembra que por várias décadas os índios brasileiros só engoliram palavras de ordem tão distantes deles quanto os ovnis. "Compre o último modelo do carro X, experi-

mente a nova máquina de lavar, se emocione com o último microcomputador e outras coisas que nem sabíamos o que era. Chegou a hora de rebatermos isso. Há mais de 400 anos nos impõem absurdos sem que nós tenhamos o direito à palavra. Agora é a hora do diálogo e o rádio é um mídia ideal porque as aldeias têm sempre um radinho de pilha e algumas, até gravadores. Assim, quando um entrevistado sai do programa leva uma fita gravada que percor-

